

6 – Uma prova de capacidade.

Ele não dormiu, pois estava ansioso, e furtivamente pegou seus equipamentos de campanha assim que percebeu que os demais haviam adormecido. Escalou pela janela, alcançando a rua de maneira discreta e silenciosa, evitando chamar a atenção do estalajadeiro Murin. Caminhando pelas sombras e com passos largos e confiantes dirigiu-se à Taverna das Três Castas, que era conhecida pela forma peculiar que atendia sua clientela. Freqüentadores de diferentes níveis sociais e renda eram separados por sua capacidade de pagar pelos serviços, os camponeses e homens comuns ficavam no primeiro andar, servindo-se de comida e bebidas de baixa qualidade. No segundo andar ficavam os pequenos comerciantes, mercadores e burgueses que podiam pagar por um serviço de qualidade superior. Para ter o privilégio de acessar este andar, era preciso pagar algumas peças de prata, o que demonstrava a capacidade econômica do cliente. O terceiro andar era ocupado pela alta burguesia, grandes mercadores, membros e parentes do conselho de anciões e também por algumas pessoas menos confiáveis ligadas à guilda de ladrões.

O acesso ao terceiro andar nunca lhe havia sido possível e ele seria muito respeitado se conseguisse chegar até lá sem ser notado, porém entrar de maneira furtiva não era indicável, pois além de muito difícil, uma tentativa frustrada resultaria em uma vergonha pública que ele não poderia assumir. Além disso, a recente fama que recebeu com o grupo faria com que a notícia se propagasse ainda mais rapidamente. Sua frustração com os últimos acontecimentos e a maneira que vinha sendo tratado no grupo gerou uma vontade de demonstrar suas capacidades a si mesmo e aos outros e era isso que ele buscava nessa taverna.

Entrou pela porta principal e encontrou anões, humanos, meio-elfos, halflings e elfos no primeiro andar. O ambiente era carregado e uma névoa de fumaça cobria o local, advinda dos cachimbos e cigarros dos clientes. Todos jogavam, bebiam, cantavam e conversavam alto e não perceberam a presença do novo visitante que viu vários conhecidos e cobriu o rosto com um capuz, escondendo sua identidade. Ele desejava subir para o terceiro andar e para tal precisava agir como alguém desta classe, escondendo posses, equipamentos e vestimentas.

No lado oposto do salão, no canto direito, estavam dois guardas de pé observando o ambiente e atrás deles uma escada que levava ao andar superior. Estes guardas controlavam o acesso e eram reconhecidos na cidade como grandes peritos em combate. Com o rosto oculto, dirigiu-se até a escada, passando pelas mesas movimentadas e torcendo para não ser reconhecido, uma vez que isso arruinaria seus planos. A agitação e conversas eram tamanhas, que a tentativa não foi tão difícil. Ele pôde ouvir os assuntos da clientela e percebeu que a maioria falava sobre os novos heróis e o desaparecimento da Santa Água. Aproximou-se dos guardas e os abordou forçando a voz para parecer mais forte e intimidador:

__Preciso encontrar-me com uma pessoa no andar superior.

__E você quem seria? – respondeu o guarda.

__Sou novo na cidade. Sei que é preciso pagar para subir. Qual o preço?

__Cinco peças de prata.

__Certamente. – ele respondeu com segurança, mas ocultando um pesar de quem sabia que com esse dinheiro poderia tomar cinco doses de uma boa cerveja ou conhaque. Ele entregou as moedas ao guarda, que conferiu a qualidade e respondeu:

__Precisamos ver seu rosto, estranho. Nem todos são aceitos lá em cima.

__Não há problemas. – respondeu ele de maneira fria. – Apenas sejam discretos, pois não posso ser reconhecido neste andar. – Os guardas ficaram tensos, visto que o novo cliente era exageradamente misterioso. A figura com o capuz olhou rapidamente para trás verificando se havia sido reconhecido e percebeu que a taverna estava distraída e alcoolizada demais para notar qualquer movimentação na escada. Dando as costas para as mesas, ele baixou o capuz da cabeça e mostrou sua face. Os soldados relaxaram, pois esperavam algo muito pior e abriram passagem.

Pela primeira vez ele subia ao andar superior e isso causou excitação e ansiedade. A decoração deste andar era mais requintada, assim como a mobília e vestimenta das atendentes. As cadeiras eram acolchoadas e foram colocadas em um grande balcão que servia bebidas aos visitantes. Neste local havia humanos e anões, que bebiam e conversavam sobre o mesmo assunto da plebe no andar inferior, mas sem a mesma paixão e entusiasmo. O movimento era muito menor e como não viu nenhum rosto conhecido abaixou o capuz que escondia sua face, caminhando em direção a outra escada. Eles

perceberam a chegada do novo cliente e notaram que ele era um dos heróis encarregados de salvar a cidade. Inicialmente se perguntaram o que ele estaria fazendo ali, pois a notícia que corria era que eles estavam descansando para a jornada que iria recomeçar. Assim que ele passou em direção a outra escadaria, ignorando a clientela, os presentes puseram-se a cochichar e comentar sobre a inesperada visita e criaram várias teorias. Pensaram que ele buscava por auxílio ou por um equipamento mágico, ou ainda que ele desejava obter um serviço sujo.

O andar superior era freqüentado por membros e figuras influentes do condado cujas índoles nem sempre eram puras. O visitante aspirava recuperar o respeito perdido após os erros cometidos no dia anterior, por isso via no terceiro andar uma forma de conseguir um serviço extra, algo que pudesse ser feito ainda esta noite. Assim ele teria sua auto-estima e respeito recuperados.

Novamente deparou-se com dois guardas e notou que um deles possuía símbolos arcanos adornando sua armadura de couro. O visitante aproximou-se e disse com uma voz quase intimidadora:

__Preciso encontrar-me com uma pessoa no andar superior.

__E você possui recurso para tal? – disse o guarda analisando-o, percebendo que o visitante estava armado.

__Sim, diga-me o preço. – respondeu friamente, sem nem saber se de fato possuía moedas suficientes para subir ao andar superior.

__São quinze moedas de prata. – respondeu o guarda sem esconder o tom irônico. Ele imaginava que aquele aventureiro não gastaria tanto apenas para ter acesso a uma adega de melhor qualidade. O visitante engoliu seco e de maneira confiante entregou as moedas. Ele gastou quase todo recurso que havia economizado em meses, mas isso faria todo sentido quando seu respeito estivesse recuperado.

Apenas quando subiu as escadarias percebeu o estado de suas vestimentas. Estava com uma armadura de couro surrada e remendada, ainda manchada de sangue dos recentes ferimentos. Pensou em voltar e trocar-se, mas lembrou que não possuía roupa reserva em seu material de campanha. Ele havia esquecido a importância das aparências, mas não lhe restava outra opção a não ser apresentar-se à nobreza da cidade com roupas sujas e surradas.

O luxo da construção era incomparável, algo que ele havia visto apenas no Palácio de Bringth. As cadeiras eram acolchoadas com peles de animais raros e havia uma lareira queimando um fogo raso que aquecia água para ser servida em chás. Um talentoso bardo estava sentando em um canto, cantando uma bela música lírica. As mesas eram poucas, mas grandiosas e muito bem entalhadas. Os atendentes eram respeitosos e tudo estava muito limpo.

Não havia muitos ocupantes neste andar, isso foi um alívio no primeiro momento, pois eram menos olhos observando-o. No entanto, demonstrou ser uma grande desvantagem, pois como eram poucos e silenciosos, perceberam de pronto a chegada daquele estranho visitante e novamente ele notou que conversavam e comentavam a sua chegada. Por um momento arrependeu-se por ter gasto suas moedas, mas ao menos avistou aquele que poderia lhe dar a prova que necessitava. Era um humano esguio de sobancelhas altas e olhar penetrante, possuía uma barba por fazer e estava bem vestido com uma armadura de couro que até mesmo um leigo perceberia que era encantada. Ele estava armado com duas espadas curtas e soltou um pequeno sorriso ao perceber que o aventureiro vinha em sua direção. Seu nome era Arbsu e ele era líder da principal guilda local. Assim que o visitante se aproximou, ele tomou a palavra, mas em tom baixo:

__Baliak, não é isso? – perguntou Arbsu. – Acredito que finalmente veio fazer sua prova. Muito bom! Achei que ia viver como um aventureiro para sempre.

__Faça seu teste. – respondeu o meio-elfo. – Farei o que for preciso, mas saiba que por enquanto não irei abandonar o meu grupo.

__Assim seja! – Arbsu respondeu sarcasticamente, já que aquilo lhe soava como uma piada. – Bem, se deseja provar suas capacidades, entrar para guilda e ainda ganhar algumas moedas de ouro, posso lhe conseguir um serviço.

__Diga o que devo fazer. – respondeu o meio-elfo ansiosamente.

__Há um prêmio para aquele que conseguir um medalhão que se encontra na mansão de um nobre aqui da cidade.

__Aqui na cidade? Ótimo! Poderei fazer ainda hoje!

__Vejo que está com pressa.

__Sim, amanhã voltaremos ao labirinto.

Arbsu engasgou espantado. Depois continuou. – Como se já não fosse perigoso o suficiente entrar lá uma vez. Mas bem, se você está disposto a um último desejo antes de sua morte certa...

__Toda morte é certa. – cortou o meio-elfo. Ele havia pensado muito na frase dita por Maliha, principalmente depois da morte de Baraz-Bund e a disse com quase a mesma frieza que a seguidora de Mowendrus. Arbsu o encarou com curiosidade, pois apesar de não conhecer o meio-elfo pessoalmente, sabia que esse tipo de comportamento não condizia com a fama que Baliak carregava. O meio-elfo era conhecido por brincadeiras inoportunas, humor apurado e ações quase inconseqüentes. Arbsu continuou.

__Certamente... Bem, se desejas o teste, deve pegar o medalhão nesta mansão, mas saiba que ele estará bem protegido. A mansão é de um nobre da cidade, que possui guardas a seu dispor. – Baliak concordou com a cabeça e depois perguntou:

__Que tipo de medalhão é esse? Por que o quer?

__É um medalhão mágico, possuído por alguém que não o merece. Espero que sua missão seja bem sucedida, pois receberá quinze peças de ouro como prêmio e fortalecerá a guilda com sua presença. Se você falhar ou for preso, negaremos essa conversa até o fim dos seus dias, os quais trabalharemos para que sejam bem curtos. – Baliak não se intimidou. Ele conhecia o código da guilda e sabia que o procedimento era comum e visava proteger os seus líderes. O fato de roubar de um nobre o aliviou, pois não se incomodava de tomar as posses de um rico, no entanto sentiu-se usado pela guilda e notou que o prêmio era bastante generoso, o que indicava a importância do medalhão. Mesmo assim, resolveu seguir com seu plano e nem mesmo perguntou o nome do nobre, pois queria o mínimo de envolvimento pessoal com o que iria fazer. Precisava encarar o roubo como apenas um trabalho, uma maneira de conseguir recursos e respeito. Além disso, quinze peças de ouro foi o mesmo que conseguiram ao enfrentar o cavaleiro da morte e quase metade do que Helios prometeu ao grupo para retornar a Santa Água. Era realmente um recurso valioso que o possibilitaria comprar equipamentos de qualidade para avançar com mais segurança no labirinto.

Após uma breve conversa com Arbsu na qual coletou informações a respeito da mansão e melhor maneira de invadi-la, guarda do local e possíveis magias envolvidas, Baliak seguiu decidido em completar seu teste. De maneira discreta e silenciosa, saiu da

taverna despercebidamente e foi em direção às mansões de Bringth, que era uma região muito bem protegida pela guarda local. No momento, o grande efetivo dos soldados encontrava-se nas muralhas e isso fez com que Baliak seguisse sem ser interpelado, mesmo assim a cada passo ficava mais ansioso.

A grandiosa mansão era cercada por um belo muro não muito alto que Baliak pulou sem grandes dificuldades, despistando um guarda que ficava na entrada principal. Ele sabia que o medalhão estaria em uma torre alta, de pelo menos seis metros de altura e junto ao seu proprietário. Escondendo-se nas sombras, o meio-elfo estudou a melhor maneira de chegar lá em cima e percebeu dois fatores importantes, um favorável e outro nem tanto. Para sua sorte a janela estava aberta, o que facilitaria sua entrada, no entanto, uma luz fraca emanava lá de dentro, indicando que o quarto possivelmente não estava vazio. Era pouco mais de meia-noite e as pessoas não permaneciam acordadas até tão tarde, salvo estudiosos ou trabalhadores que possuíam tarefas atrasadas. Como estava na casa de um nobre, possivelmente a vítima de seu assalto estava acordada estudando algum pergaminho, documento ou mesmo lendo um livro sobre histórias fantásticas.

A parede era vertical e trepadeiras subiam até quase metade do caminho. Escalar era impossível sem o devido material, mas ele possuía uma corda com cerca de dez metros de comprimento e um gancho, que prenderia na janela acima. No entanto, arremessar o gancho não lhe parecia uma boa opção, pois mesmo ao ser bem sucedido no arremesso, o que já era uma tarefa complicada, o impacto na superfície causaria um barulho que chamaria a atenção daquele que estivesse no quarto, deixando-o vulnerável enquanto escalava. Passou-lhe pela cabeça a possibilidade do quarto estar vazio ou que o habitante estivesse dormindo ou distraído, mas ele não podia correr o risco, pois se fosse pego invadindo a casa de um nobre sofreria conseqüências mais graves do que uma simples humilhação. Sua mão poderia ser cortada ou poderia ser morto pela guilda para que não revelasse quem o havia contratado.

Considerando as possibilidades decidiu utilizar uma magia que o deixaria muito fadigado, mas possibilitaria que ele entrasse com maior segurança. Tapou sua face com o manto, para abafar o som de suas palavras mágicas e as disse de maneira firme e decidida. A magia que lançou era conhecida como “andar nas paredes” e durava pouco mais de um minuto, tempo mais do que suficiente para chegar à janela. Sacou sua espada curta e subiu a

torre agachado, para não chamar a atenção. A gravidade ainda exercia força sobre seu corpo, mas seus pés ficavam firmes na vertical, causando um efeito semelhante ao que acontece com as aranhas.

Em poucos segundos ele chegou à janela e espiou o interior. O aposento estava vazio e viu uma porta entreaberta do lado oposto, havia ainda uma mesa com pergaminhos e velas acesas, mostrando que alguém estava estudando e se ausentou por alguns momentos. Baliak não hesitou e aproveitou a oportunidade para entrar no aposento. Procurou rapidamente na mesa e entre os pergaminhos pelo medalhão, mas não o encontrou.

__Logicamente não vai ser assim tão fácil. – pensou consigo mesmo logo antes de ser interrompido por vozes. Dois homens se aproximavam conversando distraidamente e Baliak tentou subir a parede novamente, mas descobriu que o efeito da sua magia tinha acabado. Estava fadigado demais para lançar outra e se viu obrigado a esconder-se atrás da porta de entrada com sua espada em punho. As vozes se aproximaram rapidamente e era certo que vinham para o aposento onde o ladrão se escondia. Baliak preparou-se para o combate sentindo o coração palpitar e quase pular de sua boca. Ele não era um guerreiro e não tinha experiência o suficiente para lutar sozinho e seu frio quando a porta se abriu e ele pôde ouvir claramente o tilintar de uma armadura. Estava em sérios apuros e desejava poder usar uma magia de invisibilidade.

__Que idéia idiota! Invadir a mansão de um nobre! – pensou arrependido, mas era tarde para reclamações ou arrependimentos, uma das pessoas entrou no aposento enquanto a outra conversava ainda do lado de fora. O meio-elfo estava tão ansioso, que sequer prestou atenção na conversa que ouvia, suas mãos suavam frias e concluiu que o fator surpresa era sua única chance.

De repente as vozes se calaram e ele pôde ouvir a pessoa que usava armadura indo embora, o outro fechou a porta e lhe deu as costas, ainda a poucos metros. O ladrão estava ansioso e golpeou assim que a porta se fechou. Ele não desejava matá-lo, apenas feri-lo para poder interrogá-lo com maior eficiência, no entanto, o medo e a ansiedade o fizeram golpear com uma força maior que a necessária e sua vítima, um humano que vestia roupas leves e nobres, tombou pesadamente. O som da queda chamou a atenção da pessoa de armadura que estava do lado de fora.

__Senhor? Algo errado? – Dessa vez a voz soou nítida para Baliak, assim como o som de uma espada sendo desembainhada. O meio-elfo escondeu-se novamente atrás da porta, utilizando-se da mesma estratégia. Ele se via em uma situação na qual teria que lutar por sua vida e apesar de não ser uma pessoa maligna, para sua eterna vergonha, hoje ele agia como tal.

O guarda também era humano e Baliak o golpeou com toda força assim que ele entrou. Um profundo corte se abriu nas costas do homem, que não tombou, pois possuía uma armadura de cota de malha que protegia seu torso. Aparentemente ele era um guarda bem treinado, pois se virou rapidamente, contra-golpeando o meio-elfo que se esquivou e tentou golpeá-lo novamente, dessa vez sem sucesso. Nesse momento o guarda começou a gritar, pedindo ajuda e maldizendo seu opositor. Ao menos Baliak havia sido cuidadoso, e o guarda não pôde ver o rosto do invasor, que se mantinha escondido atrás de um grande capuz. Agora já recomposto, o guarda acertou um golpe no peito de Baliak que gemeu em agonia. A espadada não foi profunda, mas abriu as feridas ainda não cicatrizadas daquele dia no labirinto.

O meio-elfo percebeu que a luta estava equilibrada e precisava acertar seu oponente com força suficiente para derrubá-lo. Em um misto de fúria e medo ele acertou um poderoso golpe no guarda que desta vez ficou desnordeado, Baliak tinha a chance de matá-lo, mas não o fez e com o cabo de sua espada deu uma pancada na cabeça do guarda, que caiu desmaiado. O meio-elfo não tinha tempo para verificar seu ferimento, pois ouviu passos apressados vindo em sua direção. Precisava fugir, mas antes revistou o nobre que gemia no chão e encontrou em seu peito um grande medalhão preso por um colar. Sua descrição era a mesma feita por Arbsu e por isso colocou o medalhão em seu equipamento. Em seguida, dirigiu-se à janela, revirou a sua mochila em busca de sua corda e gancho, tão rápido quanto possível, o elfo prendeu o gancho na parede, chutando-o para firmar a ponta, arremessou a corda para baixo e desceu velozmente. Ao tocar o solo pôde ver os guardas na janela gritando. Abandonou a corda e o gancho e correu em direção ao muro baixo escalando-o sem grandes dificuldades. Do lado de fora, notou que o guarda que vigiava a entrada não estava lá, pois ele havia saído do seu posto atendendo aos gritos dos colegas. Os guardas pareciam furiosos e desorientados, correndo de um lado para o outro, sem saber

ao certo o que procuravam. O meio-elfo se aproveitou da situação e correu protegido pelas sombras, fugindo em relativa segurança da área nobre da cidade.

Após alguns minutos correndo, Baliak percebeu que os havia despistado e seguiu então para a Taverna das Três Castas. Caminhava em relativa segurança, pois estava distante da região que havia assaltado. Com o tempo o medo foi substituído por uma sensação de vergonha e desprezo por si mesmo. “O que você fez? Que idiotice você fez Baliak?”, nem mesmo ele podia responder. Era possível que ele os havia matado, mas por quê? Por um maldito medalhão? Para provar que era capaz? A culpa o consumia e ele sentia vontade de entregar-se e denunciar Arbsu. Essa vontade cresceu enormemente e ele deu meia-volta, caminhando em direção ao local do crime. No entanto, lembrou-se das penas que pagaria se fizesse isso. Ele não enfrentaria apenas a fúria da nobreza e dos guardas, mas também de Arbsu, e pior, teria que ver o rosto de decepção de seus amigos. Novamente ele se acovardou e lançou-se ao chão, em prantos. “Como sou covarde! Um completo covarde que bate pelas costas e não enfrenta as conseqüências!”.

Por um longo tempo ele ficou sentando na sarjeta, consumido pela culpa e arrependimento. Quando se recompôs, foi à taverna recolher seu prêmio, pois não havia muito que ele podia fazer. Atravessou os andares sem grandes incidentes, já que havia pago pela entrada daquela noite e por isso bastou apenas mostrar sua face. Lá chegando, Arbsu veio ter com o elfo e conversaram em um local privado.

__Muito bem! Foi mais rápido e fatal do que imaginei!

__Fatal? Do que está falando? – perguntou Baliak, sem conseguir esconder a ansiedade. Já se sentia culpado, tal como as coisas estavam e se tivesse matado alguma das vítimas, o fardo ficaria ainda mais pesado. Arbsu percebeu isso já que sabia que Baliak não era uma pessoa violenta.

__Não se culpe, meu rapaz! Mostrou-se capaz! Além disso, eles não estão mortos.

__Como sabe...

__As notícias correm rapidamente nesta cidade. Não é todo dia que vemos a guarda tão agitada. Logicamente eles já me fizeram uma visita e me revistaram, em busca do medalhão. Fico feliz que seu bom senso fez com que esperasse até eles darem a primeira batida. – Baliak não tinha planejado isso. Havia passado tempo demais naquela sarjeta e

mal percebeu que a guarda da cidade marchava de um lado a outro a sua procura. Arbsu continuou diante do silêncio que consumia Baliak.

__Você fez o que era preciso! Agora é bem vindo a nossa guilda! Está se mostrando um jovem muito capaz!

__Capaz? Do que me serve ser capaz disso? – Arbsu deu uma gargalhada contida e disse:

__Acorde, meu garoto! Veja o ramo em que está se metendo! Você realmente acha que é possível roubar sem fazer nenhum sacrifício? Você acredita que é possível roubar dos ricos para dar aos pobres?

__Eu acho que...

__Então me diga, quem distingue os ricos dos pobres? Quem faz juízo e determina quem pode ou não ser roubado? Você me parece arrependido por ter machucado aqueles homens, mas saiba que aquela escória também procura nossa guilda para serviços no mínimo suspeitos. Você levou o medalhão como forma de aviso e de pagamento. Eles nos devem muito mais do que isso. É só essa linguagem que essa nobreza entende e é essa linguagem que a natureza e todo mundo compreende: A linguagem da força! Lembre-se disso! Você pode tê-los ferido hoje, é verdade, poderia até tê-los matado, mas pergunte-se: Você seria uma pessoa melhor se não o tivesse feito? Se tivesse se entregado e os poupado? Eu te respondo! Se fizesse isso estaria em uma cadeia imunda, envergonhado e rejeitado por nossa guilda. – Baliak fez um silêncio. Estava furioso e pensou em sacar sua espada. No entanto, o ferimento e o bom senso o impediram. Ele respirou fundo e disse da maneira mais educada que conseguia.

__Saiba de uma coisa, Arbsu. Quando lhe entregar esse medalhão e pegar minha recompensa, nunca mais terei relação alguma com essa guilda. Nunca mais! – repetiu Baliak de maneira firme. Ele continuou. – Não sou um assassino e não roubarei mais para agradar interesses individuais! Agora me entregue minha recompensa, pois não tenho tempo a perder. – Após verificar o medalhão, Arbsu entregou as moedas de ouro, dizendo:

__Você ainda vai crescer, Baliak. Ainda precisa crescer.

__Sim, crescerei. Mas não crescerei para ser um assassino e tampouco trabalharei para um! – respondeu Baliak pegando suas moedas e se retirando. Antes de descer as escadas, passou no toalete e aproveitando do luxo e limpeza do local, tratou seu ferimento

aberto e fez compressas para estancar o sangue. Em seguida dirigiu-se furtivamente até a Taverna Pouso do Norte, evitando os guardas que rondavam as ruas naquela madrugada. Estava ferido, mas conseguiu escalar a parede e entrar pela janela sem ser percebido, pois todos estavam cansados demais para ouvirem-no chegar. No outro dia logo cedo, ele acordou antes dos demais e foi até o comércio, gastar o ouro da recompensa.